

Roger Bartowicz | 00:02.754

Sejam todos bem-vindos. Obrigado por terem vindo. Eu sou Roger Bartowicz. Esta é a série de palestras da hora do almoço do Hanna-Iron Center. E estou muito feliz por ter aqui Jonathan Brabart, da San Diego State. De San Diego. Estado de San Diego. Ambos se formaram em direito em Berkeley, o que eu aprendi, o que é bom, e depois ele fez seu doutorado em medicina na UH Madison, em Wisconsin. Ele é, uh, ele é. Relações Especializadas, Direito Internacional, Sionismo e Ascendência Judaica, Israel, Palestina, Teoria Normativa da ONU e Política de Resistência. É muita coisa, sim, mas este é seu livro mais recente, e é a razão de ele estar aqui. Jewish Self-determination Beyond Zionism, Lessons from Hannah Arendt and other Pariahs [Autodeterminação judaica além do sionismo, lições de Hannah Arendt e outros pârias]. Não vou me alongar muito, pois quero que Jonathan tenha tempo para falar e que todos vocês façam perguntas. É um livro que recebeu críticas incríveis. Richard Falk. Descreve-o como um repensar crítico emocionante, profundo e humano do sionismo como a base ideológica do Estado israelense. Mas vou deixar que Jonathan faça seu próprio discurso por ele. É um prazer tê-lo aqui. Ele falará por cerca de meia hora e, depois, teremos cerca de 45 minutos para perguntas e respostas até a 1h15.

Jonathan Brabart | 01:23.029

Muito bom. Bem, muito obrigado. Tudo bem, tenho que me preparar para isso, então tenho que tentar me manter dentro do tempo. Vou ler até o fim. Portanto, o foco do livro é, em parte, a recuperação de uma tradição sionista dissidente da era pré-1948. Era pré-estatal, uma tradição que se opunha a um Estado judeu hegemônico e insistia em uma coexistência justa com os árabes da Palestina. E a outra parte do livro é uma busca para estimular o pensamento em uma reforma contemporânea. Da autodeterminação judaica. Portanto, para isso, meu livro consiste em uma conversa produtiva entre as duas pessoas que considero as mais perspicazes dos dissidentes sionistas pré-1948, Martin Buber e Hannah Arendt. Em seguida, eu os envolvo em uma série de conversas. Com o primeiro Noam Chomsky e o primeiro Uri Adenari, depois com judeus sionistas liberais contemporâneos, judeus antissionistas contemporâneos, depois os primeiros Mizrahi críticos, os judeus críticos, Gerard Schultz e depois com Edward Said. Portanto, o projeto é uma mudança significativa em relação ao meu trabalho anterior, que é do tipo relações internacionais, direito internacional. Decidi embarcar nesse projeto porque me tornei professor titular e, portanto, tinha mais espaço para... Correr riscos. Mas, em termos substantivos, eu estava muito desanimado com a trajetória de Israel e com as perspectivas de uma solução pacífica. Por isso, senti que precisava ir além do meu foco anterior em organizações e leis internacionais. A ONU e explorar os problemas fundamentais do sionismo e as alternativas que não foram buscadas. Por isso, recorro à minha velha heroína, Hannah Arendt, como meu ponto de partida. Eu a admiro desde então. No início, talvez no final da década de 1980, eu tinha 20 e poucos anos, descobri uma edição de Eichmann e Jerusalém entre os livros do meu pai. Algum tempo depois, fiquei sabendo que ela também tinha uma visão muito

interessante e perspicaz sobre o ansiolítico. Então, pensei, um dia vou chegar a isso. Então, comecei com ela e mergulhei nela. A partir da década de 1940, reli várias vezes Origens do Totalitarismo, para levar muito a sério meu compromisso. Também consultei várias biografias e coleções de escritos sobre ela, entrevistas com ela, estudos secundários, e estou muito feliz por apresentar meu trabalho sobre ela no Center. Então, apenas um breve elemento do cenário. Quando ela está escrevendo isso. Ela está escrevendo isso na década de 1940. Até o final da década de 1930, todos os sionistas, com exceção da linha dura, que na época eram chamados de revisionistas, todos, com exceção deles, até o final da década de 1930, haviam se abstido de defender um estado-nação judeu explícito na Palestina, reconhecendo que ainda não tinham os números necessários para exigir um estado-nação judeu e que isso não seria bem aceito pelos mandatos britânicos. Portanto, a posição oficial... A posição de pessoas como David Ben-Gurion era o motivo pelo qual eles desejavam um Estado judeu em particular e tratavam a questão da comunidade como um Estado em formação. A posição oficial era de autonomia mútua para os judeus e os árabes na Palestina, onde nenhum deles ainda era dominante. Mas com a revolta árabe em 1936, o relatório da Comissão Peel britânica em 1937, que exigia a divisão em um Estado judeu e um Estado árabe, e o desenrolar do Holocausto, a maioria dos movimentos sionistas, e até mesmo organizações judaicas anteriormente não sionistas, passou a exigir um Estado-nação judeu. Portanto, sobre todo o mandato da Palestina, ou pelo menos uma grande parte dele. Os principais resistentes foram no final da década de 30 e na década de 1940. Entre os sionistas, havia sionistas de esquerda que se uniram em torno do Hashomer, do Hatzair e do grupo que mais me interessa, o chamado Yichud. Eles carregavam um manto que decidi chamar de sionistas humanistas, ou seja, Movimento Sionista Humanista. Suas duas figuras mais proeminentes foram o ex-rabino judeu americano Judah Magnus, fundador da Universidade Hebraica, e o intelectual polímata Martin Buber. Desde a década de 1920, esse movimento acolheu a promoção, eles eram sionistas em termos de, acolheram a promoção de uma comunidade judaica revivida nas antigas terras sagradas, com a esperança de que isso traria uma nova sociedade justa e uma renovação espiritual judaica. Mas eles se opunham à orientação separatista e estatista dos principais movimentos sionistas, pois consideravam que isso prejudicava o espírito de renovação judaica. E por desconsiderar as preocupações da população árabe indígena. Eles favoreciam uma federação binacional, que apresentava desenvolvimento autônomo para cada comunidade, igualdade coletiva em espaços compartilhados, governança e interação comunitária. Portanto, com relação a Hannah Arendt, defendendo que ela se destaca nos seguintes temas. Um deles é que ela simplesmente oferece um contexto histórico sofisticado para a experiência judaica europeia, que remonta a vários séculos. Outra é que ela rejeitou o modelo de estado-nação homogêneo em geral. Portanto, para o sionismo, isso significava desvincular a autodeterminação judaica do projeto de Estado e encontrar novos modelos políticos que possibilitassem a coexistência de vários grupos nacionais. Ela queria desesperadamente isso na Europa, mas também na Palestina. Além disso, ela se

destaca por diagnosticar as patologias fundamentais da corrente principal do sionismo. E foram duas as patologias em que ela se concentrou: a crença em um antisemitismo eterno não afetado pela política ou pelos acontecimentos históricos, quase demoníaco, e um nacionalismo tribal. Isso rejeitava qualquer colaboração que não fosse alianças de conveniência temporária com outros grupos. E, de forma afirmativa, ela vinculava a saúde de longo prazo de Israel e do povo judeu, de forma mais ampla, a uma ordem global mais justa e desenvolvida. Portanto, ela se opunha à insularidade que via no sionismo dominante. E a nova ordem seria aquela que se libertaria do imperialismo e do sistema de estado-nação. Muito bem, um pouco sobre sua avaliação do antisemitismo e do Estado-nação. Para ela, era muito importante entender o antisemitismo, não como um mal demoníaco, mas como um fenômeno político moldado por eventos históricos, não um fenômeno atemporal. Seu foco estava no tipo de antisemitismo, o antisemitismo contemporâneo, que surgiu com a disseminação dos estados-nação e se tornou transnacionalizado com o crescimento do imperialismo. Era importante, argumentou ela, não ver a comunidade judaica como simples vítimas passivas desse antisemitismo demoníaco, mas como agentes, ou seja, as formas como os judeus interagiam com a comunidade externa faziam a diferença. Já que os estados de Israel, ela advertiu, cairiam em um tipo extremo de política real, com forte postura militar agressiva. Desconfiar do direito internacional e das instituições internacionais e tornar-se útil para uma potência imperialista forte, certo? Então, primeiro, torne-se útil para a Grã-Bretanha durante os anos do mandato britânico e, depois, os Estados Unidos seriam o grande prêmio. E a criação de um Estado judeu em uma esfera de interesse imperial pode parecer uma solução muito boa para alguns sionistas no longo prazo. Dificilmente haverá um curso imaginável que não seja perigoso. O que você disse? Acho que foi essa que saiu. Zionism. Sim, sionismo, reconciliado. Isso é 44. 44, certo. E aqui está seu aviso severo. Acho que este, quando o descobri pela primeira vez, foi realmente assustador sobre como o sionismo se desenvolveria se não superasse essas patologias. Eterno antisemitismo e tribunal. Para citar vitoriosos, sem citar, os judeus viveriam cercados por uma população árabe totalmente hostil, isolados dentro de fronteiras sempre ameaçadas. Absorvidos pela autodefesa física em um grau que submergiria todos os seus interesses e atividades. O crescimento de uma cultura judaica deixaria de ser a preocupação de todo o povo. Os experimentos sociais teriam de ser descartados como luxos impraticáveis. O pensamento político a levaria à estratégia militar. Portanto, ela estava realmente preocupada com a forma como o sionismo se desenvolveria se continuasse com essas patologias e essa fixação em cortejar o poder. Sua visão alternativa, aqui está uma boa formulação resumida. O verdadeiro objetivo dos judeus na Palestina é a construção de uma pátria judaica. Ela diferenciou isso de um Estado judeu. Esse objetivo nunca deve ser sacrificado à pseudo soberania de um Estado judeu. A independência da Palestina só pode ser alcançada em uma base sólida de cooperação árabe-judaica. Autogovernos locais e conselhos mistos de judeus, árabes, municipais e rurais. Em pequena escala e tão numerosos quanto possível, são as únicas medidas políticas realistas que podem levar à emancipação

política do passado. Portanto, ela tinha uma visão. Ela levou isso muito a sério. E isso estava ligado ao seu apelo de que a comunidade judaica deveria estar comprometida com uma ordem global transformada e, portanto, estava pedindo para apresentar uma versão positiva da existência da nova Assembleia Geral da ONU. Agora, se os não-sionistas quisessem agir como realistas genuínos na política judaica, eles deveriam ter insistido nisso. A única realidade permanente em toda a constelação era a presença de árabes na Palestina. Mas isso foi absolutamente trágico, no momento mais crucial de todos. A oposição leal simplesmente desapareceu. E então, a ideia da cooperação árabe-judaica não é um sonho idealista, mas uma declaração sóbria do fato de que, sem ela, todo o empreendimento judaico na Palestina está condenado. De fato, o trabalho do *Sassamodus Livendi* pode, no final, servir como um modelo de como neutralizar as tendências perigosas de povos anteriormente oprimidos. De se isolarem do resto do mundo e desenvolverem complexos de Superior Farley nacionais. É em 1944, também. Estou falando sério, sim, eu deveria ter trazido meu outro livro, não trouxe. Sim, provavelmente é de ciência e reconsideração, sim, certo, então muitos desses também. Há um que sai em 48, que tem alguns dos mais otimistas, e há esse realmente amargo que sai em 36. Acho que vou me lembrar disso na próxima apresentação. Certo, então Arendt e seus companheiros binacionalistas, que a essa altura já haviam se juntado ao movimento mais amplo ao qual me referi, perderam, é claro. E com a morte de seu amigo e aliado íntimo Judah Magnus em 1948, Arendt se afastou de trazer proeminência, ativistas e sionismo. Ela teve a interjeição indireta com Eichmann em Jerusalém, o que ainda lhe causou muitos problemas, embora ela não fosse maisativamente comum no sionismo. No entanto, como vários judeus críticos contemporâneos passaram a perceber, inclusive eu, nosso legado continua sendo um guia inestimável para o presente. Apenas para dar uma ideia, começando pelo curso, sobre o custo de forjar um Estado-nação judeu. Enquadrado na mentalidade de cerco do antisemitismo irredimível dos outros e na necessidade de um Estado sempre vigilante e desconfiado. Para identificar alguns traços negativos marcantes que caracterizaram Israel desde o início, uma elevação do militarismo e da força e segurança do Estado de Israel. Sobre as ideias do sionismo cultural, uma contradição fundamental entre ser um estado liberal e democrático e um estado judeu. Isso preparou o caminho para o que agora se tornou a supremacia judaica sistemática em todo o mundo. Estamos em Israel, certo? Foi concluído recentemente pelo Grupo Israelense de Direitos Humanos, Salem, Human Rights Watch e Anistia Internacional. Uma orientação internacional ligada a uma ordem imperialista, em que Israel corteja a potência dominante e trata as normas internacionais e as leis internacionais como inherentemente suspeitas. Uma mentalidade que considera seus oponentes, sejam eles os palestinos, o Egito de Nasser nos velhos tempos ou o Irã contemporâneo, como uma crise existencial. Para o povo judeu, na magnitude do Holocausto. Como tal, Ian Lustig chamou isso de *Holocaustia*, Israel está mal equipado para tomar as medidas necessárias para alcançar uma paz sustentável quando você o eleva a esse nível. E então, como um judeu americano, ou seja, um judeu fora de Israel, posso me sentir subordinando a

vida judaica fora de Israel à segurança do Estado de Israel. Portanto, Israel tem sido uma fonte líquida de conformidade. Para a vida judaica na diáspora, em vez da esperança do sionismo cultural, que seria uma revitalização. Oh, claro, há algumas coisas interessantes nisso. Nem tudo é o estado Down ou Brown. E então, o efeito tem sido uma fonte de conformidade. Além disso, além da história de como ela estava certa e coisas do gênero, eu diria que abordei este livro não apenas para dizer que ela estava certa, mas também para mostrar como inserir o melhor pensamento no paciente e na crise. De fato, isso tem crescido cada vez mais no século XXI e agora é realmente doloroso. Ela, juntamente com outras pessoas, mas acho que ela é uma das melhores em nos inspirar a repensar o que queremos do sionismo. Durante muito tempo, na prática, o sionismo foi equiparado ao apoio ao Estado de Israel. Para outros humanistas, sionistas como Martin Buber. O objetivo é contribuir para a saúde do povo judeu de uma forma que promova a justiça social e se relacione positivamente com o exterior. Os sionistas, portanto, tentaram explicar a construção do Lar Nacional Judaico como a única resposta possível a um suposto antisemitismo eterno, o estabelecimento de assentamentos coletivos. Essa parecia ser a única solução para as dificuldades da mão de obra agrícola judaica, a fundação de centros de saúde e a Universidade Hebraica em termos de interesse nacional. A questão é que, como eu disse, as respostas eram de valor humano e político muito mais permanente do que os desafios. Assim, vários desses sionistas judeus críticos, inclusive o jovem Noam Chomsky, tinham essas coisas. Eles estavam muito entusiasmados com o que havia no sionismo. Eles estavam muito preocupados com as outras coisas que estavam se sobrepondo a ele. Em segundo lugar, Arendt é muito útil para a necessária tarefa de autoanálise, que se tornou mais do que nunca, perto do 7 de outubro. Arendt identifica duas das dinâmicas mais fundamentais que os sionistas precisam abalar. A noção de um antisemitismo eterno e potencialmente genocida, e o apego correspondente ao que Jabotinsky chamou de muro de marfim, esse tipo de mentalidade de cerco, e tudo o que é suficiente, ou eles fazem isso com você. E, como ele disse, bem, isso foi em resposta a uma pergunta de uma entrevista. Isso foi na década de 1960, porque foi logo depois de escrever Eichmann e Jules. A noção de que poderíamos usar nossos inimigos para nossa própria salvação sempre foi, para mim, o pecado original do sionismo, e vocês entenderão por quê. Acredito que certos elementos da ideologia sionista são muito perigosos e devem ser descartados para o bem deste reino. Em terceiro lugar, ela inspira, digamos, aqueles que realmente se preocupam com o bem-estar de Israel, digamos, a comunidade judaica. Em termos mais amplos, a adoção produtiva do direito internacional e da comunidade internacional, e não apenas a suposição de que eles querem pegar Israel. Esse foi um de seus principais argumentos no final de Eichmann in Jerusalem, e a lógica se estende muito além do tipo de argumentos contra Shemitah, que se concentrou em Eichmann in Jerusalem. Em quarto lugar, ela e os outros humanistas pré-estágio. Os sionistas nos alertam sobre a urgência de aceitar o vínculo permanente e profundo dos palestinos com toda a Palestina histórica e a interdependência entre judeus e árabes. Portanto, separar a maior parte dos palestinos em um estado

separado ou, sabe, é a situação atual, um território isolado, sitiado e despojado não é moralmente aceitável. Bem. Nem compatível com uma reconciliação justa e de longo prazo. E, embora ela não ofereça um plano específico de como superar a natureza sombria do sionismo realmente existente, ela fornece um conjunto útil de metas. Um deles é um conjunto comum de valores. Autodeterminação para ambos os povos, ou seja, para os judeus e os árabes da Palestina. Não dominação, de modo que nenhum deles possa dominar o outro. Reconhecimento mútuo da profunda ligação de ambos os povos com toda a Palestina histórica. A interdependência de ambos os povos. E o objetivo compartilhado de vidas mais ricas e igualitárias. Em toda a Israel-Palestina, agora. O segundo é o apelo por novas estruturas institucionais locais, nacionais, regionais e internacionais. Isso será exatamente o que eles propuseram em meados da década de 40, mas buscando instituições que criem confiança, facilitem a governança compartilhada, facilitem as fronteiras, impeçam que um grupo domine o outro e o conectem. Isso terá de exigir mudanças regionais e globais mais amplas. Os desafios, quero dizer, são grandes questões, mas essas são, você sabe, as grandes coisas que chegam até a criança. A estrutura hierárquica imperialista, o sistema de estados-nação, realmente não tem uma boa maneira de lidar com várias identidades nacionais dentro dos mesmos estados e facilitar interconexões mais profundas. De baixo para cima, há muito tempo esperávamos, na década de 1940, que os judeus pudessem fazer parte da solidariedade dos oprimidos. Ok, vou encerrar com isso.

Roger Bartowicz | 20:32.397

Muito obrigado, Sean. Quero dizer, o RMT, como você disse, todos nós temos sido políticos sionistas por muitos anos, e eu fui eleito depois que os sionistas morreram em 1948.

Jonathan Brabart | 20:44.608

E KB, eu era uma espécie de finalista de tudo isso. Em nosso ensaio,

Participante | 20:48.218

Zionism Reconciled, foi recebido tão... Mal recebido por muitas pessoas, incluindo muitos de seus amigos. Isso, você sabe, foi um verdadeiro pontapé inicial para ela, e depois Eichmann, é claro, o livro de Eichmann realmente a expulsou. Hoje em dia, muitas pessoas voltaram a Arendt por uma série de razões, algumas das quais o senhor já disse, certo? Um deles é a tentativa de entender os erros do sionismo de Jabotinsky. O sionismo conservador, que ela entendeu. E também, hoje em dia, muitos, especialmente na teoria política, têm olhado para essa ideia de federações ou instituições locais, sobre a qual você estava falando,

Roger Bartowicz | 21:34.120

Arendt era uma grande crítica do Estado-nação em geral. Isso surgiu muito antes de seu trabalho sobre o sionismo e seu trabalho sobre a Palestina na Europa. Havia

essa ideia real de que poderíamos criar uma lente completa tanto para os árabes quanto para os judeus. E eles poderiam criar instituições, instituições locais que funcionariam, e talvez houvesse um estado federal. Mas você tem essas coisas e é uma bela ideia, certo? Mas a crítica tem sido feita desde o início. Ela mencionava isso toda vez que havia uma crise mundial e a crítica era de que não funcionava. Mas, acho que a questão hoje é: até que ponto esse é um projeto significativo e prático? Quero dizer, está havendo um esforço? Quero dizer, a análise dela, a situação na década de 1940, eu acho, está correta. Mas como você está obviamente chamando isso, chamando isso, porque você acha que pode ser isso hoje? E eu só queria saber, me dê essa dica. Eu, eu só estou, sabe, eu... eu olho para isso e me pergunto. Eu me pergunto isso o tempo todo quando estou ensinando, porque eu ensino. Acabei de ministrar um curso para judeus, para escritos judaicos. Até que ponto isso ainda existe? ainda existe? Acho que eu gostaria de ouvi-lo falar, especialmente com o que está acontecendo nas últimas duas semanas, mas também nos últimos 50, 70 anos. Você ainda acha que esse projeto é significativo ou é mais uma cápsula do tempo histórica? Sim, essa é uma ótima pergunta. Uh,

Jonathan Brabart | 22:54.001

Na verdade, eu estava pensando em escrever algo sobre isso bem antes, mas me senti muito constrangido de duas maneiras. Primeiro, quem sou eu para propor esse tipo de visão grandiosa? Em segundo lugar, sim, tudo bem, essa foi uma ideia empolgante de um movimento nacional antes de 1948, e é bom ver isso. Foi mais ou menos o que aconteceu, e havia várias pessoas influentes apoiando isso. E qual é a importância disso agora? Então, decidi que você não tem uma alternativa, digamos, os dois estados antigos. Parte de mim ainda está, tipo, em meu capítulo final, eu digo que há elementos que ainda permanecem. Portanto, não me tornei um daqueles que rejeitam qualquer ideia de dois estados, mas acho que é preciso dar um passo atrás antes mesmo de poder falar sobre dois estados. Ou um estágio. É que algo deu muito errado. Se a ideia de dois Estados, quero dizer, acabou sendo tão massacrada, sabe, com os Acordos de Oslo e o que isso fez. E os sionistas liberais, e eles estão em meu livro. Quero dizer, eles escreveram algumas coisas atraentes sobre como isso poderia funcionar, sabe, um Estado palestino separado. Só que eles estão meio que lutando. Eles também não parecem ter nada de prático. Portanto, se for o caso. É preciso uma espécie de reconsideração fundamental. Sem abrir mão da ideia, pelo menos, da autodeterminação judaica, acho que há duas coisas que ainda são muito valiosas. Uma delas é que, se houver algum tipo de transformação fundamental, ela provavelmente terá mais apoiadores na comunidade judaica americana, e levará mais tempo para acontecer em Israel. Os pontos de vista dos judeus americanos em relação aos judeus israelenses, mas ter algo que não seja apenas anti-sionista como sua crítica, ou apenas uma espécie de ação. Sim, nós apoiamos dois Estados, sabendo que você não tem nenhum programa para fazer seu modelo de dois Estados funcionar. Acho que é preciso dar um passo atrás e pensar em como podemos transformar isso. Acho que, quero

dizer, só para dizer rapidamente. A segunda parte é a luta, seja em Israel, na Palestina ou em qualquer outro lugar, para encontrar uma maneira de ter várias identidades nacionais. Coexistir em vez de um lutar pelo espólio não é algo único, já que Israel e a Palestina são assim. O problema não foi resolvido, mas Arendt ainda está certa ao afirmar que, se não fizermos isso, continuaremos a ter mortes e instabilidade.

Roger Bartowicz | 25:41.685

Apenas para observar que Arendt achava que havia apenas um lugar no mundo onde isso havia funcionado, pelo menos por algum tempo. O que você achava que eram os Estados Unidos, você achava que, sim, essa seria uma estrutura. Os Estados Unidos eram o único lugar que permitia a existência de pessoas diferentes com fortes identidades nacionais e culturais. Sul, norte, qualquer que seja o povo ocidental a trabalhar agora em um só lugar, eles deveriam criar a União Soviética. Sim, de qualquer forma, quero abrir o debate e deixar que outras pessoas façam perguntas.

Participante | 26:09.132

Muito obrigado por sua palestra. Estou ansioso para ler seu livro. Também li seu ensaio sobre Toby Helen em Coming to you. Ótimo, tudo bem. Então, quero lhe perguntar algo sobre a palestra, e não sei sobre isso no livro. Quando você falou sobre os dois princípios fundamentais, isso vem de Agaransky, chefe de jornalismo. E eu sou uma parte disso, sabe, toda essa ideia de que o verdadeiro objetivo da pátria judaica é a coexistência e a unidade, além de novas instituições e uma continuidade de vidas.

Participante 0:26:50.589

Gosto dessa ideia.

Participante | 26:52.714

Parece ótimo para mim. Não consigo conciliar isso com os cinco fatos principais. O povo palestino não é, na verdade, um parceiro igualitário nesse núcleo.

Jonathan Brabart | 27:06.606

Você está se referindo à Al-Qaeda?

Participante | 27:08.629

Sim, portanto, toda a ideia de a Palestina se tornar a pátria dos palestinos. Para o povo judeu, onde os princípios ideais e a coexistência, a unidade e a igualdade serão organizados e praticados em conjunto. Teria sido ótimo se o povo palestino fizesse parte disso desde o início. Meu entendimento histórico é que eles nunca tiveram nenhuma palavra a dizer sobre isso. Nunca lhes foi solicitado que fizessem seus comentários. Portanto, estou tendo dificuldades para entender a imagem de Alain que você desenhou para nós. É uma imagem multiimperialista nesse sentido?

Parece-me muito parte de uma reformulação bastante liberal do imperialismo. Isso faz sentido? Ou talvez eu esteja perdendo alguma coisa.

Jonathan Brabart | 27:56.897

Deixe-me dizer uma coisa. Não, obrigado, Shannon. Só um segundo. Acho que são dois separados, mas há uma pergunta.

Participante | 28:02.291

Bem, talvez o argumento seja, sabe, mais fundamentado na escrita de outra pessoa, onde talvez RM lide com essa ideia de maneira mais convincente. Mas estou tendo dificuldade em me convencer de que posso aceitar essa anti-imprensa e o que ela é.

Jonathan Brabart:28:19.252

Certo. Quero dizer, parte disso é que os vários estudiosos do Irã e vários tipos de figuras fora de cena. Como crítica do imperialismo. De certa forma, ela é uma das críticas mais intensas ao imperialismo. Portanto, há alguns estudiosos pós-coloniais, certo, que se inspiram nela, como Mamdani, para entender isso. Essa criação, você sabe, a solução, assim como ela criticou a solução após a Primeira Guerra Mundial, esses novos estados independentes com um grupo nacional dominante. Essas ideias foram então usadas para criticar o pós-Segunda Guerra Mundial. O árabe, um grupo nacional dentro do mundo recém-descolonizado, ainda domina o modelo de estado-nação como o mais focado em Israel-Palestina. Então... A minha leitura é que, intelectualmente, ela é muito boa nisso. Ela é boa. Tanto em um sentido mais amplo, pós-colonial, quanto especificamente aqui, atacando a maneira como o sionismo simplesmente deixa sua influência, até mesmo o realismo. Ela não era como, por exemplo, Buber ou Magnus, ou as pessoas que de fato viviam na Palestina. Ela não estava lá nas trincheiras. Mas, para o crédito de Martin Bluber e Judith Magnus, eles estavam ativamente. Fazendo diálogos, e assim mag über, certo? Ele mora na Palestina, nossa igreja de Jerusalém. Em um determinado momento, seu senhorio eram os pais de Edward Saeed. Ele chegou a ser despejado. Este é o 448. Mas ele estava falando sério, ele estava falando sério sobre isso. É verdade que você ainda pode culpar esse movimento do design humano como um livro. A coalizão provavelmente era de alimentos. É que o coração deles ainda estava meio que na experiência judaica europeia e, por isso, eles não se sentiam totalmente à vontade. E, às vezes, não conseguiam distinguir os árabes em geral dos parisienses da Palestina. Então, eles estavam tentando. Quero dizer, acho que a ideia abstrata deles é certamente a parte de Buber, então ele faz isso de forma muito mais explícita do que nossos detalhes. Isso tem de ser uma coisa colaborativa. E ele está explodindo. E Arad também está, mas não tão intensamente quanto Buber e os outros. Você está apenas vivendo ao lado dos árabes palestinos. Acho que Arad até diz que, sim, vocês estão tratando-os como uma espécie exótica. Veja, estamos interagindo, mas você não está interagindo de verdade. Até mesmo Arad está fazendo isso. Mas o argumento deles é que isso só

vai funcionar. Portanto, Buber critica até mesmo os kibutzim, dizendo que ele estava muito entusiasmado com isso. E o sistema socialista participativo. Ele disse: "Até que você traga os palestinos e árabes, essa é uma grande falha". Portanto, acho que eles identificaram esses elementos. Eles não obtiveram o suficiente. Judith Butler e outros argumentaram que a própria ideia de estabelecer essa questão, porque, querendo ou não, sua visão não está prevalecendo. É a visão. Então, na verdade, você ainda está aumentando o problema. Até mesmo uma parte de seu programa é um pouco atraente. Eu diria que, de certa forma, isso já foi feito, e agora estou pensando no que fazer. Acho que uma coisa que também fiz em meu livro, tenho um capítulo que trata de trazer. Edward Said, Elis Shoka, como você poderia expandir isso? Para Elis Shoka, trata-se da identidade judaica árabe heterogênea; para Said, a identidade palestina. Há falhas reais em Arendt, ou mesmo em Buber e Magnus, mas não acho que sejam falhas fatais. Acho que podemos nos inspirar neles e depois pensar em como tornar isso realmente interativo. Portanto, concordo com você, em parte, que eles não se livraram totalmente, digamos, de uma mentalidade eurocêntrica e do imperialismo.

Roger Bartowicz | 32:48.940

Acho que seus corações estavam no lugar certo para desafiar novamente esse olhar imperialista, a arrogância da Igreja. Continuamos com isso. Iron não estava na Palestina naquele momento. Ela não estava fazendo isso. O Uber estava certo. E sim, e sim, o que há? E eu simplesmente não sei, porque não é minha área. Mas acho que isso não foi realmente esmagado. Mas, você sabe, houve instituições reais que se desenvolveram? Árabe judeu Que faziam parte de uma tentativa de criar governos locais ou organizações locais na época. Isso poderia ter sido um modelo? Quero dizer, acho que isso está relacionado à última pergunta, mas poderia ter sido um modelo para um coletivo não imperialista? Ou sempre foram apenas figuras judaicas dizendo "vamos fazer isso", mas isso nunca aconteceu de fato? Então, havia de fato instituições que faziam isso?

Jonathan Brabart | 33:39.285

Eu diria que menos. Quero dizer, havia alguns exemplos, como movimentos trabalhistas. Principalmente em Haifa, que eram realmente uma cooperação entre judeus e árabes. O que pessoas como Magnus e Buber tentaram fazer foram esses grupos de discussão, e eles conseguiram encontrar alguns aliados. Veja, um problema com os árabes da Palestina é que eles são compreensivelmente muito desconfiados e têm a sensação de que os sionistas humanos não têm muita influência. Portanto, há vários motivos pelos quais você não conseguirá instituições significativas mais sérias. Portanto, não, mas há bastante interação. Certo,

Roger Bartowicz | 34:23.679

Então, se eu quiser aprender mais sobre isso do ponto de vista do humanismo judaico, não é? Vou a Buber, vou a Agnes. A quem devo recorrer se quiser saber

mais sobre isso do lado árabe? Ou há alguém apresentando um argumento semelhante do lado árabe? Oh,

Jonathan Brabart | 34:38.851  
você quer dizer antes de 1948? Sim. É muito menor.

Roger Bartowicz | 34:44.784  
Sim. Portanto, não havia realmente uma ressonância, ou havia uma ressonância muito menor,

Jonathan Brabart | 34:51.034  
Acho que é basicamente por causa da posição. Os árabes da Palestina estão em uma situação em que, veja bem, um dos lados, por meio do mandato britânico, consegue criar todas essas instituições e recebe a imigração, de modo que o outro está desconfiado. Isso não impede o diálogo. O próprio Bluebird. Lembro que o livro é muito apreciado. Então, ele tem que deixar sua casa em 48 durante a guerra, e os moradores locais, os árabes palestinos, protegem sua casa e seus livros. Então, de certa forma, houve esse diálogo e outras coisas. Havia uma pequena minoria, quero dizer, uma minoria bem pequena de árabes palestinos que estavam dispostos a discutir seriamente o assunto. Acho que a grande questão é. Se os sionistas humanistas tivessem mais sucesso político e parecessem realmente capazes de fazer isso acontecer, acho que poderia ter havido uma encruzilhada. Não sei.

Participante | 35:49.301  
Sim.

Participante | 35:54.128  
Sim, eu só quero, quero dar a outras pessoas, sabe, sim, mas, sim, talvez eu volte. Sim, obrigado por sua palestra. E seu livro, que na verdade li e do qual sou fã. Eu só queria dizer que um trabalho interessante que fala sobre o que o Roger está perguntando é o Cognates and Enemies, de Zachary Lockman. Que é justamente sobre o trabalho com trens, certo?

Jonathan Brabart | 36:19.116  
Incluindo todo o caminho,

Participante | 36:20.158  
Haifa desempenha um papel central. E ele fala sobre a tensão na construção de uma aliança trabalhista e a eventual escolha que os trabalhadores judeus fizeram entre apoiar o sionismo e seus interesses de classe. E por que isso aconteceu, e assim por diante. E lá ele também fala sobre como. Parte do problema, o motivo pelo qual não há reciprocidade, é que a declaração de Balfour está embutida no próprio mandato britânico. Certo, eles querem, não querem, não querem reconhecer o mandato de forma alguma, portanto, não querem jogar esse jogo. Mas o que mais

gostei em seu livro foi o que você acabou de dizer. Além da elaboração sobre o aluguel, é a forma como você coloca o aluguel. Em diálogo com Shohat e Saeed, que para mim são os dois tipos de contemporâneos. O pensamento contemporâneo baseado em Israel-Palestina, o binacionalismo e como seria uma solução. Então, eu gostaria de saber se você poderia falar um pouco mais sobre o que o levou a seguir esse caminho? O que o levou a pensar em não parar apenas em Arendt e no que ela tem a dizer, mas no pensamento de que, como você descreveu aqui, tentar ver Shohat e Saeed como algo que vai além. o que, de maneiras muito diferentes, é claro, Shoah para quebrar completamente a ideia dos judeus árabes, por assim dizer, e das vítimas do sionismo.

Jonathan Brabart | 37:52.952

Certo, Sim. No início, era um projeto bem judaico. Na verdade, era apenas uma análise dos dissidentes judeus antes de 1948 e, depois, comecei a pensar, OK, bem, até que ponto quero me aprofundar no passado? O quanto de especialista eu quero me tornar? Quero dizer, isso é parte da coisa assustadora que é entrar nisso. Agora, Saeed, eu li muito. Então, em geral, estou pensando em escolher apenas exemplos em vez de uma grande variedade. Portanto, fazia sentido. Em particular, eu havia lido Saeed. E até mesmo em entrevistas, onde ele diz algumas coisas favoráveis sobre Magnus, Buber e Arath. Portanto, era bastante lógico. Se eu fizesse o Sa'i, certamente veria como poderia usar o Sa'i para corrigir ou apenas modificar. Criar mais profundidade em relação à aparência de um modo geral simétrico. Para o Shohat, tive um aluno mais velho, mais velho do que eu, acho que foi quando eu estava começando em 2016, que na verdade é judeu, nasceu no Egito. Nasceu no Egito, é judeu, mas nasceu no Egito. Mais ou menos de direita, mas com a mente aberta. Por isso, permiti que ele assistisse à minha aula. Em um determinado momento, ele simplesmente disse que estava cético em relação a tudo isso. Porque eu estava dando uma aula temática, na verdade, para dar andamento ao meu projeto. Mas ele disse algo, sabe, você está olhando para todos esses tipos de intelectuais judeus daquela época. Os verdadeiros judeus do Oriente Médio, bem, eles realmente tiveram que fazer essa coexistência, então por que vocês não fazem mais isso? E então, sim. E eu tinha alguma familiaridade com Ella Shah, mas não a conhecia a fundo, então eu simplesmente mergulhei de cabeça. Na verdade, eu estava tentando descobrir, provavelmente seria Ella Show, que eu também estava olhando para outras pessoas, mas estou dizendo quem ela é porque eu não sei. Assim, uma temporada de origem judaica iraquiana, iniciada na década de 1980, é inspirada, em parte, por Edward Said, dos estudos pós-coloniais, para... Se Edward Said ficou famoso por analisar o sionismo a partir da perspectiva das vítimas, ou seja, dos palestinos, Ellis Shokot surge no final da década de 1980. Analisar o sionismo sob essa perspectiva, acho que eu diria, significa perguntar onde estão os judeus. Assim, ela escreveu uma série de coisas. Analisando como. A natureza do sionismo, quero dizer, parte dele é orientalista, no sentido de considerar a parte árabe dos judeus árabes como inferior. Mas há também o problema que se sobrepõe ao que Aram, creio eu, concordaria, que é o fato de seu

nacionalismo ser tão simplista. Vocês não conseguem nem mesmo lidar com uma identidade complexa, portanto, não conseguem lidar com ela. O árabe-judeu, um ou outro tem de desaparecer. E, de certa forma, isso também era verdade, pois o nacionalismo árabe estava decolando naquele momento. Os judeus passaram a ter mais dificuldades no Iraque e no Egito, e assim por diante. Assim, ela basicamente usa algumas das ideias de orientalismo de Edward Said com esse foco. No judeu árabe. E, portanto, é muito crítico. Em um sentido, ele critica muito a forma como o sionismo simplifica e homogeneíza a condição judaica e, na verdade, não tem uma maneira clara de lidar com esses judeus. Não fazem parte da Europa, que não faz parte de sua... O grande problema é sua identidade árabe. Uma coisa que não devemos ser é árabe. E a afirmação foi: isso é de fato? Temos de fato o potencial dessas identidades mais complexas, portanto, podemos ter um nacionalismo mais complexo. Portanto, acho que ela também fornece um corretivo muito saudável e produtivo, em parte, para Arendt e os outros. De certa forma, para pensar sobre essa identidade. Portanto, eu diria que, em resumo, ela é a pioneira do tipo de literatura judaica mizrahi crítica.

Participante | 42:51.378

Acho que você fez um esboço maravilhoso de como isso funcionava. Pergunto-me sobre o motor do determinismo econômico para resultar no que hoje é realmente um estado liberal. Assim, todo o projeto de assentamento realmente ganhou força, com o governo israelense abandonando sua filosofia econômica social-democrata e aderindo ao neoliberalismo. Basicamente, isso me fez lembrar de como os EUA lidavam com seu fluxo de imigrantes. Sabe, vocês são pobres, nós lhes daremos terras de graça, e assim como o neoliberalismo empobreceu os israelenses. Fico imaginando como isso foi importante para fortalecer esse tipo de sentimento nacionalista dos colonos. Porque essa era a maneira como as pessoas gostariam que eles vivessem.

Jonathan Brabart |

Ótimo. Essa foi uma maneira de ajudar a melhorar a condição dos Miseraki com os assentamentos, porque muitos deles conseguiram empregos e progrediram economicamente. DR. Lindsey BEALL. Sim. Acho que não abordei o assunto tão bem quanto queria inicialmente. Quero dizer, parte do entusiasmo, certo, do antigo sionismo socialista, certo, muitas pessoas agora nem sabem disso. Sim, a maioria dos primeiros sionistas era socialista. E alguns deles, especialmente como os sionistas socialistas de esquerda, que são claramente anti-imperialistas. Portanto, o elemento socialista é muito empolgante. Há uma contradição desde o início com o nacionalismo. Mas, sim, o mais deprimente é que, por um lado, até mesmo o socialismo, de certa forma, é um fim. O aviso. São todas essas coisas empolgantes sobre o sionismo. Começariam a se desvanecer. Começaria a ser sacrificado pela necessidade de um Estado forte. E então você tem esse elemento adicional, sim, no final dos anos 70 e 80. Portanto, não é apenas o partido Likud que finalmente chega ao poder em 1977 e é o motor de uma grande expansão dos assentamentos. Mas

até mesmo, digamos, o antigo Partido Socialista, o Partido Trabalhista, pessoas como Rabin, Yitzhak Rabin, Shimon Peres, todos eles estão nessa direção neoliberal. Mas faz sentido que essas duas tendências negativas, pelo menos para aqueles de nós que buscam algum tipo de direção de justiça social, que é o que os sionistas humanistas estavam buscando, é que ambas se alimentam uma da outra. E isso é parte do problema. Netanyahu é como o capitalista neoliberal definitivo. Por isso, ele costuma ir a lugares como Harvard e outros, por causa da parte do capitalismo, não do nacionalismo. E ele percebeu isso na medida em que, embora eles ainda estejam recebendo muita ajuda da USAID, como sabemos, ajuda de segurança militar. Eles conseguiram. Diversificaram-se sob o capitalismo neoliberal. Portanto, embora ainda seja útil para eles ter os EUA, essa dependência, isso de fato é outro desafio. Edward também disse que advertiu os palestinos de que a OLP foi corrompida por esse neoliberalismo. Portanto, esse é outro elemento que, acho, não tive a capacidade de trabalhar completamente. Confesso que estava mais ou menos lá e eu estava empolgado com o elemento social, mas você está me fazendo pensar que eu realmente deveria tentar lidar com isso de frente. Então, talvez essa seja a melhor resposta que eu possa dar, porque.

Participante | 47:20.078

Sim, essa é uma pergunta longa e múltipla. Sim, está bem. Vou apenas ler, porque senão Vou perder minha cabeça. Hoje em dia, temos principalmente judeus sionistas e judeus antissionistas no espectro, mas há pouco discurso público sobre os sionistas humanistas, que muitas vezes são incluídos no sionismo liberal. Isso se deve ao fato de o sionismo ser confundido com Israel, e não com o esforço geral para a melhoria do povo judeu. Um problema aqui é que há diferentes definições de sionismo. Há espaço para o sionismo humanista dentro dos movimentos judaicos antissionistas se os sionistas humanistas definem o sionismo como a melhoria do povo judeu? E os judeus antissionistas definem o sionismo como a crença na legitimidade do Estado de Israel como um Estado étnico-nacional. Portanto, essa é a primeira parte. A segunda parte é: como conciliar os aluguéis? Retórica e, se me permitem, projetos para a situação. Com a retórica dos judeus antissionistas, que se baseia principalmente em seu discurso de estudos, liberação, descolonização, e tudo bem.

Jonathan Brabart | 48:16.546

A primeira é realmente. Uma grande motivação para meu livro é o fato de que ele quase é usado como um insulto, de uma forma ou de outra. Fiz parte da Jewish Wives for Peace, que é a principal. Mas, às vezes, quando você diz alguma coisa. Que parece um pouco brando demais em relação a Israel ou que não descarta a existência de dois Estados, você meio que o chama de design this later ou algo assim. Às vezes é usado de forma muito grosseira como um insulto. Certamente em outros grupos de direita. Em minha comunidade, qualquer pessoa que seja antissionista é, por definição, antissemita. Quero dizer, não há distinção. Portanto, é um problema que os termos se tornem, creio eu, mais ou menos arruinados. Em

meu capítulo final, eu meio que contemplo, será que ainda me chamo de sionista? Será que me considero um sionista humano? Bem, não vou me considerar antissionista, mas isso tem toda essa bagagem. E parece estar tão associado agora à demanda por um Estado-nação judeu hegemônico. Por isso, acabei de dizer que talvez binacionalismo seja um termo melhor, mas algo sobre a autodeterminação judaica é muito importante. Minha preocupação com muitos judeus antissionistas é que a maioria quer evitar falar sobre autodeterminação, autodeterminação judaica nessa área. Portanto, acho que isso é um erro, se isso faz parte dos vínculos profundos. Portanto, em última análise, acho que é necessário, pelo menos no entendimento histórico, que o sionismo tenha tido todas essas partes diferentes. E se você ainda quiser pensar em como a autodeterminação judaica pode ser reimaginada. Portanto, não se trata de um jogo de soma zero, então, pelo menos, é preciso pensar um pouco. Portanto, a dicotomia, a dicotomia que se desenvolveu até mesmo entre judeus sionistas liberais e judeus antissionistas precisa de uma conversa mais longa. Portanto, a retórica de Arendt com... Veja, Arendt é... Quero dizer, uma professora que lecionei na UCSD, professora de história, gosta de Arendt, mas não gosta muito de suas coisas sobre o sionismo. Ela disse: "Veja, ela é usada principalmente por antissionistas. Quero dizer, essas são as ideias que eles estão pegando de Hannah Arendt. Lembro-me de ter trazido um palestrante israelense convidado há alguns anos, e ele simplesmente disse: "Sim, Hannah Arendt é completamente sionista". Então, é meio estranho. Por isso, muitas vezes ela é simplesmente descartada como antissionista, mas acontece que, certo, é mais complexo. Veja, acho que se você trouxer Arendt para cá. Com alguns desses outros, mas também com Saeed Shahad e Leila Fart. Quero dizer, há várias pessoas que escrevem nessa linha, que ela é uma Ella. Não se trata de gostar de tudo. Quero dizer, nossa N também fez alguns comentários racistas. Não é que ela seja perfeita, de forma alguma. Mas algumas dessas grandes ideias, eu acho, poderiam ser usadas para a complexidade. Portanto, não sei se é possível. Isso responde à segunda pergunta? Não, de fato. Não? Ok. Então, você poderia chegar ao cerne da questão novamente? Sim. Sim.

Participante | 51:59.356

A questão era: como podemos nos reconciliar? Portanto, a retórica de Arendt é sionista, no sentido de que ela apoia a melhoria do povo judeu, e não é, porque estamos trabalhando com duas definições diferentes de sionismo. Certo. Estamos trabalhando com uma definição de sionismo como apoio à legitimidade de um Estado-nação judeu. E estamos analisando o sionismo como uma crença na melhoria do povo judeu. E Arendt, pelo que entendo e pelo que li de seu trabalho, fica em algum ponto intermediário, inclinando-se mais para a melhoria do povo judeu, e ela só aceita que Israel exista, desde que não seja um estado dominador etnocrático ou colonizador. E então, dado o momento atual, em que estamos? Se você acessar o site do JVP, que é a principal organização judaica? E para a Palestina, eles falam especificamente sobre a luta pela Palestina, espere, deixe-me citar muito especificamente, com a luta pela liberdade palestina. Então, minha

pergunta é: há uma maneira de fazer isso? Acho que é como se o sionismo humanista pudesse ser incorporado ao antissionismo. Basicamente, acho que sim. Um dos problemas com o antissionismo e com os judeus antissionistas que Arendt está realmente abordando é que os judeus antissionistas precisam ter algo mais do que uma identidade e ideologia política compartilhada, precisam ter o social, precisam ter o espiritual. Qual foi a frase que você usou por aí? Por exemplo, a autodeterminação precisa ser mais do que política. Então, sabe, o sionismo humanista deve ser incorporado ao judaísmo antissionista para contribuir com essa retórica e práxis de autodeterminação? Ou porque o judaísmo antissionista e o sionismo humanista estão operando sob, pelo que entendi, a menos que eu esteja errado, duas definições completamente diferentes?

Jonathan Brabart |

Bem, então quero dizer, Radnick, Mark Ellis ou Judith Butler, ou agora tenho que ler um pouco. Não, só estou curioso para saber se você leu, porque você parece ser muito culto. Chris Butler, mas não necessariamente em seu trabalho específico.

Jonathan Brabart | 54:25.417

Ok, sim, acho que se chama "parting Ways". Ela é muito influenciada por Arendt. E Mark Ellis é um teólogo judeu. Ele se apresenta como teólogo da libertação judaico, muito influenciado por Buber, mas também por Arendt. Portanto, ambos trabalham com ideias de Arendt e Buber. Portanto, Butler, muito mais de Arendt. E, portanto, eles certamente estão usando pelo menos a parte da crítica. Portanto, você certamente pode usar a crítica de Biden. De nossos direitos. Então, isso é parte do que talvez os antissionistas gostem muito. A igualdade, o senso de solidariedade dos oprimidos. Assim, Butler escreveu que isso é uma coisa. Quero dizer, se você olhar para trás, para a condição da diáspora judaica, é o exílio, é ser indesejado pelo Estado. Os palestinos seriam a versão mais atual disso. Ela diz que agora os palestinos são os principais interlocutores. Mas existem esses elementos. Acho que é a crítica e a maneira de pensar sobre como os dois povos poderiam fazer isso, mais ou menos depois do acerto de contas. O acerto de contas primeiro tem a ver com a comunidade judaica. Cabe a eles lidar com o que fizeram com os palestinos. Mas então você precisa disso. Acho que Buber é mais útil para isso e tem muito a ver com isso. Portanto, ele será melhor para a crítica e para pensar sobre o perigo daqueles que estão fora da nação dominante. Mas veja o projeto humano como coletivo, com a inclusão de Buber. A ideia de uma história compartilhada que Edward disse, e que Elisabeth realmente capta, é a compreensão dos traumas coletivos. De cada comunidade. E descobrir como seguir em frente e fazer com que elas entendam por que o RSI foi injustiçado. Mas como nossos caminhos se uniram e como podemos seguir em frente, para que tudo se resolva. Pelo menos. Tudo isso está presente no projeto humano, essa forma de pensar. Mais ainda. Booger, mas não é inconsistente com a Orange Road. Portanto, acho que há maneiras de fazer isso. Existe essa tensão de fundo, que você quer dizer. Ainda assim, precisamos pensar em algo empolgante e positivo sobre esse experimento. E, em geral, Alison

Butler e outros, ou Ilan Pappi, não querem pensar nisso, pois tudo está muito comprometido pelo segundo colonialismo. Portanto, haverá algo irreconciliável. Talvez esse seja um esforço melhor para responder à sua pergunta. Tenho outra pergunta.

Roger Bartowicz | 57:18.465

Gostaria de trazer a pergunta um pouco mais adiante, se estiver tudo bem para você. Você sabe, na década de 1960, obviamente, RM... Começa a ir a Israel para observar o julgamento de Eichmann. E ela diz que, embora o Estado israelense seja o tipo de Estado que ela não imaginava que o sionismo pudesse ser, ela o apoia. Então, estou me perguntando como você lida com isso. Isso aparece em seu livro? Como você acha que ela lida com isso?

Jonathan Brabart | 0:57:54.290

Sabe, por um lado, Israel não é a pessoa que ela buscava, mas mesmo assim ela apoia. Sim, eu cubro isso olhando para mim em Jerusalém. A parte que mais a marcou ainda é, quero dizer, a oposição a esse tipo de nacionalismo tribal, seja em Israel, que há um julgamento e o uso do julgamento para fins de propaganda, e todo o conjunto de recursos. Sim, os judeus foram a vítima, mas a história não pode ser apenas sobre como o mundo sempre odiou os judeus, pensando nas condições que levaram a isso. E assim ela mantém isso. A essa altura, ela meio que já fez as pazes, como você disse, com a existência de Israel. E ele de fato existe para representar a fé judaica. E depois que mencionei que, após a guerra de 67, ela disse algumas coisas que acho que podem confundir pessoas como eu. Quero dizer, ela está muito animada, então ela também está envolvida nessa euforia. Em 73, ela está ajudando a organizar comícios que não são muito sofisticados. Ou com nuances. Portanto, ela mudou até certo ponto. Acho que parte disso é... Isso não se tornou mais sua questão central. Assim, ela meio que fez as pazes com o Estado de Israel. Eu digo que ela realmente não tem muito. É lamentável porque ela só morre em 1975, mas ela não tem nada de interessante. Pelo menos eu nunca encontrei. Você mencionou a coisa pós-1967. Então é mais como se estivéssemos nos baseando principalmente nos escritos dela na década de 1940. E ainda há alguns elementos. Que são, na minha opinião, muito valiosos. E em Jerusalém, mas principalmente, especialmente para o tipo de coisa que estou fazendo, são esses ensaios da década de 1940. Sim, Buber permaneceu um pouco mais fiel a eles, porque Buber permaneceu comprometido com essas questões até sua morte definitiva em 1865.

Participante | 60:30.150

Você não acha que Israel e o sionismo teriam servido como um modelo inconsciente para outras análises, como a dos Estados Unidos? A antiga Revolução é, obviamente, sobre encontrar uma política e estar tão unida, sobre a fundação de uma nova política. E então, é claro, há problemas no caminho e você se esquece dessa herança perdida, etc. O que também tem a ver com a entrevista de Israel,

talvez a fundação da Groenlândia. E a coisa toda não me parece particularmente anti-imperialista. Ela, por exemplo, vota em Harrington sobre a Comunidade de Roma. Que é, na minha opinião, o modelo de imperialismo da Xangai britânica. O que ela não diz, ela não diz isso, mas é tudo, estou apenas. Esse é um tipo de comentário céitico sobre. Em geral, pensamos que um bom teórico político tem, necessariamente, opiniões morais sobre todas as questões. E talvez ela não seja muito contra o imperialismo, mas, mais tarde, ela se tornou uma defensora do imperialismo. E então Israel não teria realmente... Qual é o problema de Israel se não temos anti-imperialismo?

Jonathan Brabart | 61:53.328

Certo, sim, duas coisas me vêm à mente. Primeiro, acho que há uma biografia sobre um aluguel do mundo. Ela argumenta que muitas de suas ideias sobre nacionalismo ruim. E até mesmo como essa Sociedade Altaria, que surgiu de seu entusiasmo e estava começando no final dos anos 30, 40 com o sionismo. E... Acho que, uma vez amargamente desiludida, ela passa a se dedicar totalmente a essas outras coisas. Por exemplo, mesmo quando a inspiração para a origem do totalitarismo começa, obviamente ela está pensando na fortificação judaica. Acho que ela está em seu melhor momento, seu eu anti-imperial está em seu melhor momento, provavelmente em origin to totalitarianism e em sua crítica permanente à comunidade sionista dominante. Isso é verdade. É verdade que suas últimas coisas, ela escreve, não são mais confortáveis, e então eu acho, acho que parte disso, na verdade. Mas ela escreveu muitas coisas que, às vezes, não foram necessariamente bem pensadas e, às vezes, exageradas, portanto, há elementos. Não acho que alguém seja um crente acrítico em nosso evento. Portanto, há algumas coisas. E alguns realmente zombaram da ideia de chamá-los de anti ingredientes. Mas acho que há pelo menos elementos e são bastante fortes. Principalmente nesses escritos da década de 1940. Então é nisso que me concentro. Sim, é isso mesmo.

Participante | 63:31.246

Posso fazer uma recomendação?

Jonathan Brabart | 63:32.386

Sim, sim, isso seria bom.

Participante | 63:34.793

Você leu o último livro de Agar Kotev, A Cobble Lines in South, Home and Homelessness in Egypt, Palestina.

Participante | 63:40.090

Sim, eu realmente sugiro que você dê uma olhada nele. Ela está fazendo um livro com as teorias. Você pode conhecer todos os escritos. (Qual é o nome dela?) Agar Kotev. J-O-T-E-F. É uma coisa excelente. Ganhou alguns prêmios da associação pela teoria apropriada. Ela tem uma abordagem muito diferente agora. E apresenta

argumentos bastante provocativos em termos de todos os problemas que existem, que existem historicamente. Em termos de qualquer tipo de violação, ou um anti-imperialista pode, de fato, remontar ao outro. E acho que alguns capítulos podem ser muito úteis se você quiser continuar, sabe, voltando

Jonathan Brabart | 64:30.601

Seus itens, hum. Mas, novamente, espero que esteja ansioso para fazer isso. Claro, espero que você traga outra capa. Sim, sim, tenho um capítulo em mente para um volume editado sobre Hot Armor. Por isso, preciso voltar a me dedicar a isso.

Roger Bartowicz | 64:44.299

Obrigado a todos por terem vindo e obrigado, senhores.

Jonathan Brabart | 64:46.003

Foi ótimo falar com você.